



[Trabalho 1176]
APRESENTAÇÃO ORAL

*JUAN DIEGO FERELLI DE SOUZA; OSMAR RAMÃO GALEANO DE SOUZA;
PATRÍCIA CAMPEÃO.
EMBRAPA CAPRINOS E OVINOS, SOBRAL - CE - BRASIL; UNIVERSIDADE
FEDERAL DE MATO GROSSO DO SUL, CAMPO GRANDE - MS - BRASIL;*

Mercado e comercialização na ovinocultura de corte no Brasil

Grupo de Pesquisa: Comercialização, Mercados e Preços

Resumo

O objetivo deste artigo é apresentar os dados relativos ao mercado e à comercialização da carne ovina no Brasil. Especificamente destacam-se os principais estados produtores, a questão da importação, os preços praticados, a estrutura agrária brasileira como um fator significativo para análise deste setor produtivo e o mercado internacional da ovinocultura. Para tanto são utilizados dados do Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística, da Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação e outras fontes secundárias especializadas no setor. Os países com o maior rebanho ovino no mundo são China, Índia e Austrália, respectivamente, e a produção de carne ovina está concentrada majoritariamente no continente asiático (52%). Os dados demonstram que o Brasil possui o rebanho ovino concentrado em alguns estados da região Nordeste e no Rio Grande do Sul, os preços aos produtores têm se mantido estáveis no último ano com uma leve tendência de alta, que há uma tendência para o desenvolvimento da indústria de abate e de processamento e, como consequência, uma aproximação ao mercado consumidor. No entanto, conclui-se que persistem entraves organizacionais que impedem o desenvolvimento do setor e que precisam ser superados com urgência.

Palavras-chaves: carne ovina, cadeia produtiva, preço, importação, rebanho

Abstract

The aim of this paper is to present data on the market and the commercialization of sheep meat in Brazil. Specifically we highlight the major producing states, the issue of importation, the prices, the Brazilian agrarian structure as a significant factor for the analysis of this sector and the international market. To achieve this goal, the data were provided by the Brazilian Institute of Geography and Statistics and by the United Nations



Food and Agriculture and other specialized secondary sources. Countries with the largest sheep flock in the world are China, India and Australia, respectively, and the meat production is mainly concentrated in Asia (52%). The data show that Brazilian sheep flock are concentrated in a few states in the Northeast and Rio Grande do Sul, the producer prices have remained stable over the last year with a slight upward trend, there is a tendency for the development of slaughter and processing industry and, as a consequence, an approximation to the consumer market. However, it is concluded that organizational obstacles remain and hinder the development of the sector and they must be overcome urgently.

Key Words: lamb meat, productive chain, price, import, flock

1. INTRODUÇÃO

O desenvolvimento da cadeia produtiva da ovinocultura pode ser considerado uma relevante estratégia para o desenvolvimento rural em algumas regiões, tendo em vista seu potencial para geração de renda tanto para os produtores rurais quanto para os demais agentes da cadeia produtiva. No entanto este setor produtivo caracteriza-se por contrastes organizacionais significativos entre as regiões produtoras no Brasil.

O mercado consumidor de carne ovina no Brasil encontra-se em fase de desenvolvimento, mas ainda é caracterizado por grandes diferenças regionais. Os maiores mercados consumidores concentram-se no entorno das regiões produtoras, tais como no Rio Grande do Sul e em alguns estados da região Nordeste, entretanto a demanda tem se expandido em outras regiões como o Centro-Oeste e o Sudeste. No mercado externo os principais países produtores mantêm estáveis os tamanhos de seus rebanhos.

Dentre os estudos realizados acerca do mercado consumidor de carne ovina no Brasil destaca-se Souza (2006), que desenvolveu um estudo sobre segmentação de mercado na ovinocultura do Distrito Federal e, em suas conclusões, identificou que o perfil predominante de sua amostra foi de consumidores das classes A e B e que consumiam os produtos tanto em casa quanto em restaurante (22%) ou compravam a carne em supermercados e consumiam apenas em casa (33%). Em levantamento semelhante, Martins et al. (2008) analisaram o perfil dos consumidores de carne ovina no estado e Alagoas e identificaram que 36% dos consumidores participantes da amostra possuem renda familiar superior a 10 salários mínimos, em geral possuem nível superior completo (48%) e compram carne ovina por ser saudável (26%) ou com o intuito de variar o cardápio na alimentação da família (19%). Estudo semelhante também foi conduzido por Sorio, Fagundes e Rasi (2008), que analisaram o mercado consumidor de carne ovina em Campo Grande, capital do Estado de Mato Grosso do Sul.

Apesar do potencial de desenvolvimento desta cadeia produtiva, a atividade é caracterizada pela ausência de estruturas de governança capazes de organizar e gerar competitividade para o sistema agroindustrial da ovinocultura (CARVALHO; SOUZA, 2008). São comuns os relatos de iniciativas isoladas na busca da coordenação desta cadeia produtiva, tais como o Projeto Aprisco - Apoio a Programas Regionais Integrados e Sustentáveis da Cadeia de Ovinocaprinocultura - (SEBRAE, 2011), e as iniciativas da



empresa Lanila Agropecuária e do Grupo PIF PAF Alimentos (COSTA, 2007), porém é evidente a carência de estudos que indiquem os problemas, as oportunidades, as vantagens e os meios para que os agentes destas cadeias produtivas efetivem ações de coordenação.

As iniciativas de organização da cadeia produtiva da ovinocultura esbarram em entraves que dificultam seu sucesso. Em casos isolados, tais como citado anteriormente, é possível constatar êxito nas iniciativas, entretanto o setor é carente de informações concretas e seguras e que possam vir a ser utilizadas na tomada de decisões tanto de agentes públicos quanto dos agentes privados desta cadeia produtiva.

Deste modo, o presente artigo tem como objetivo apresentar os dados relativos mercado e à comercialização da carne ovina no Brasil. Especificamente destacam-se os principais estados produtores, a questão da importação, os preços praticados, a estrutura agrária brasileira como um fator significativo para análise deste setor produtivo e o mercado internacional da ovinocultura.

O procedimento metodológico adotado neste estudo é baseado na coleta de dados a partir de fontes secundárias, primordialmente o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e a Organização das Nações Unidas para Agricultura e Alimentação (FAO). Os dados de importação da carne ovina são oriundos do Ministério do Desenvolvimento, Indústria e Comércio Exterior e os dados de preços foram obtidos por meio de levantamento realizado e publicado pelo portal especializado FARMPOINT. De modo a consolidar o caráter científico deste artigo, os dados foram analisados com apoio de publicações científicas especializadas na ovinocultura. As análises foram realizadas sob a luz da teoria dos sistemas agroindustriais.

2. OVINOCULTURA

2.1 REBANHOS: MUNDO, BRASIL, REGIÕES E ESTADOS

A tabela 01 apresenta os países detentores dos maiores rebanhos ovinos e a participação do Brasil.

Tabela 01: Rebanhos ovinos principais países selecionados (Mil animais)

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Participação (2010)	Ranking
China	143.395	152.035	151.337	146.018	136.436	128.557	134.021	12,42%	1º
Índia	63.848	66.319	68.885	71.560	72.360	73.172	73.991	6,86%	2º
Austrália	101.287	101.125	91.028	85.711	79.938	72.740	68.086	6,31%	3º
Irã	52.215	53.800	53.800	53.800	53.800	53.800	54.000	5,00%	4º
Sudão	48.910	49.797	50.390	50.944	51.100	51.555	52.014	4,82%	5º
Brasil	15.058	15.588	16.019	16.240	16.630	16.812	17.381	1,61%	17º
Mundo	1.067.798	1.099.675	1.106.592	1.109.940	1.096.327	1.081.438	1.078.948	100,00%	

Fonte: FAO (2012).

Os cinco países que possuem os maiores rebanhos ovinos concentram aproximadamente 35,4% do rebanho mundial. Apesar de apresentar um crescimento no ano de 2010 em relação ao ano de 2009, o rebanho ovino chinês tem sido afetado por



problemas relacionados à disponibilidade de água, ao avanço da agricultura sobre as áreas de pastagem, ao processo contínuo de degradação das áreas de pastagens e ao aumento contínuo dos custos de produção. Aproximadamente 73% do rebanho ovino mundial estão localizados nos países da Ásia e da África, o que demonstra a importância destas regiões no cenário internacional.

Por outro lado, há uma tendência de diminuição dos rebanhos nos países da OECD, dentre os quais destaca-se a Austrália onde tem ocorrido uma forte retração, passando de mais de 101 milhões de animais no ano de 2004 para cerca de 68 milhões no ano de 2010. Contudo, a Austrália ainda possui o terceiro maior rebanho ovino do mundo com 6,31% dos animais.

A produção mundial de carne ovina no ano de 2010 (tabela 02) foi de 8,5 milhões de toneladas, das quais 51,2% foram produzidas no continente asiático, 18,3% no continente africano, 13,7% no continente europeu, 12% na Oceania e apenas 4,7% nas Américas. Entre os anos de 2005 e 2010 houve um pequeno crescimento na produção, entretanto os valores permanecem muito próximos desde o ano de 2007 quando a produção mundial atingiu a marca de 8,57 milhões de toneladas.

Tabela 02: Produção de carne ovina (Mil toneladas)

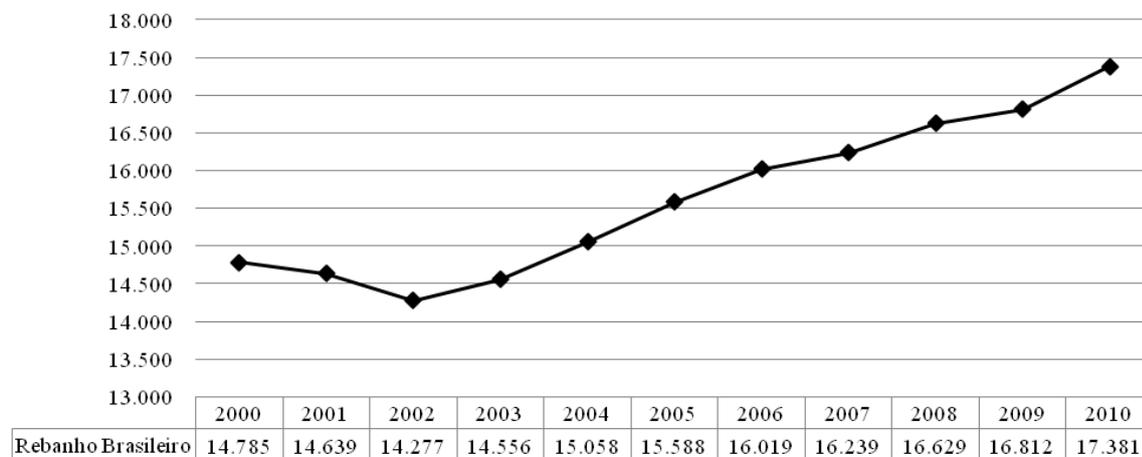
	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Mundo	8.029	8.276	8.570	8.528	8.536	8.532
Ásia	3.837	4.013	4.227	4.162	4.310	4.371
África	1.356	1.421	1.421	1.468	1.512	1.560
Europa	1.287	1.271	1.265	1.237	1.191	1.167
Oceania	1.138	1.168	1.257	1.258	1.114	1.027
Américas	411	403	400	404	409	407

Fonte: FAO (2012).

No ano de 2010 o Brasil apresentou o décimo sétimo maior rebanho ovino do mundo com aproximadamente 17,3 milhões de cabeças, representando apenas 1,61% do rebanho. Estes dados indicam grandes oportunidades para o fortalecimento e para o crescimento desta atividade agropecuária no Brasil.

O rebanho ovino brasileiro tem apresentado um crescimento pouco acelerado, porém constante, desde o ano de 2002. Enquanto o rebanho mundial cresceu apenas 1,04% entre os anos 2004 e 2010, com diminuição constante do rebanho entre os anos de 2007 e 2010, o rebanho brasileiro cresceu 15,43% no período, passando de 15 milhões para aproximadamente 17,3 milhões de animais (IBGE, 2012). A figura 01 ilustra a curva de crescimento do rebanho ovino brasileiro entre os anos 2000 e 2010.

Figura 01: Rebanho ovino brasileiro (Mil)



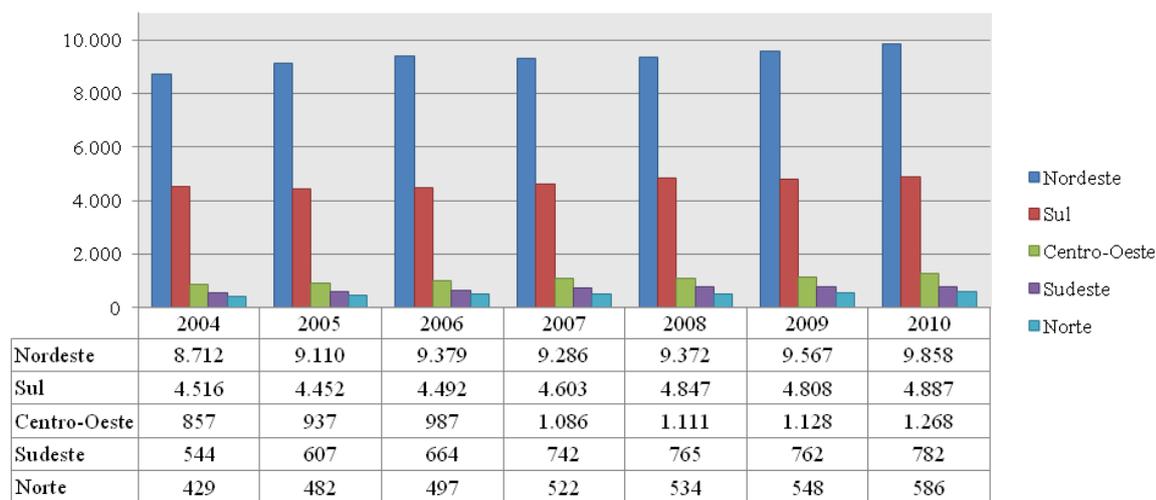
Fonte: IBGE (2012).

Apesar da retomada do crescimento da produção de ovinos a partir do ano de 2002, o setor enfrentou grandes desafios durante a década de 1990. Naquele período o rebanho ovino nacional, que chegou a ser de aproximadamente 20,1 milhões de animais em 1991, atravessou anos de decréscimo chegando a 14,2 milhões de cabeças no ano de 1998.

Um dos principais fatores para o declínio da atividade estava vinculado à difusão de lã sintética, capaz de substituir com eficiência a lã produzida a partir de ovelhas. Comprova-se este fato ao observar que o rebanho ovino do Estado do Rio Grande do Sul (IBGE, 2012), que chegou a 11,2 milhões de animais em 1988, atualmente conta com 3,9 milhões de cabeças em seu rebanho. Problemas de governança da cadeia produtiva no Rio Grande do Sul também contribuíram para a crise na atividade.

Por outro lado, o rebanho ovino da região Nordeste do Brasil, tradicionalmente direcionado à produção de carne e não de lã, atravessou as décadas de 1980 e de 1990 com um rebanho médio de 7 milhões de animais, sem grandes oscilações. A partir do ano 2000 o crescimento do nordestino rebanho acelerou, chegando aos atuais 9,8 milhões de cabeças no ano de 2010. A figura 02 apresenta os dados da evolução do rebanho ovino no Brasil e nas seis regiões do país.

Figura 02: Rebanho ovino por região no Brasil (Mil)



Fonte: IBGE (2012).

As grandes diferenças de clima no Brasil e as transformações no mercado mundial de alimentos consistem em grandes desafios e, ao mesmo tempo, oportunidades à estruturação da cadeia produtiva da ovinocultura. A atenção às normas sanitárias e às boas práticas de produção e fabricação são reflexos da sofisticação do mercado consumidor e da necessidade de adaptação da cadeia produtiva, e este fato afeta desde os produtores rurais até os varejistas localizados em qual quer região do país.

O crescimento da atividade produtiva da ovinocultura na região Centro-Oeste (SORIO, 2010), bem como na região Sudeste, são exemplos de oportunidades que se apresentam aos órgãos de pesquisa e desenvolvimento e demais organizações de apoio desta cadeia produtiva no país. Por se tratar de uma nova atividade econômica nestas regiões, os agentes locais deste sistema produtivo se inserem na atividade com a perspectiva de produção e comercialização competitiva no mercado nacional e também no mercado internacional.

A tabela 03 apresenta o tamanho dos rebanhos ovinos dos principais estados produtores no Brasil. Destaca-se que, apesar da região Nordeste do país concentrar 56,7% do rebanho ovino, o estado que possui o principal rebanho é o Rio Grande do Sul com 3,9 milhões de cabeças, o que equivale a 22,89% do rebanho nacional. Além do Rio Grande do Sul destacam-se a Bahia com 17,98% do rebanho, o Ceará (12,08%), Pernambuco (9,34%) e o Piauí com 8,01% do rebanho brasileiro.

Tabela 03: Rebanhos ovinos por estados brasileiros selecionados (Mil)

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Participação em 2010	Ranking
Rio Grande do Sul	3.733	3.764	3.830	4.010	3.946	3.979	22,89%	1°
Bahia	3.138	3.166	3.096	3.021	3.029	3.126	17,98%	2°
Ceará	1.909	1.962	1.998	2.031	2.071	2.099	12,08%	3°
Pernambuco	1.067	1.181	1.256	1.352	1.487	1.623	9,34%	4°
Piauí	1.512	1.535	1.437	1.444	1.387	1.393	8,01%	5°
Paraná	512	517	532	580	600	614	3,53%	6°
Rio Grande do Norte	490	512	514	533	570	584	3,36%	7°
Mato Grosso	325	349	429	440	443	549	3,16%	8°



Mato Grosso do Sul	440	456	465	469	478	497	2,86%	9°
São Paulo	345	378	415	453	452	467	2,69%	10°
Paraíba	411	415	410	415	434	433	2,49%	11°
Brasil	15.588	16.019	16.239	16.629	16.812	17.381		

Fonte: IBGE (2012)

Há um processo de crescimento do rebanho ovino em estados brasileiros que não são produtores tradicionais de ovinos. Dentre eles destacam-se o estado do Paraná, Mato Grosso, Mato Grosso do Sul e São Paulo.

Com o intuito de apresentar de forma mais detalhada a evolução dos rebanhos as próximas tabelas demonstram os dados de todos os estados que compõem as cinco regiões brasileiras entre os anos de 2005 e 2010. Para cada região são apontados brevemente os elementos de destaque desta atividade produtiva. A tabela 04 apresenta os dados da região Nordeste:

Tabela 04: Rebanhos ovinos por estados brasileiros da região Nordeste (Mil)

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Participação em 2010
Brasil	15.588	16.019	16.239	16.629	16.812	17.381	
Nordeste	9.110	9.379	9.286	9.372	9.567	9.858	56,72%
Bahia	3.138	3.166	3.096	3.021	3.029	3.126	31,71%
Ceará	1.909	1.962	1.998	2.031	2.071	2.099	21,29%
Pernambuco	1.067	1.181	1.256	1.352	1.487	1.623	16,46%
Piauí	1.512	1.535	1.437	1.444	1.387	1.393	14,13%
Rio Grande do Norte	490	512	514	533	570	584	5,92%
Paraíba	411	415	410	415	434	433	4,39%
Maranhão	226	231	226	230	232	230	2,33%
Alagoas	203	208	201	194	194	203	2,06%
Sergipe	152	170	147	152	162	169	1,71%

Fonte: IBGE (2012)

A região Nordeste é caracterizada por possuir o maior rebanho ovino brasileiro. Este rebanho está distribuído entre muitos estados da região, o que caracteriza a fragmentação da atividade produtiva. Esta fragmentação, que é discutida adiante neste estudo, gera dificuldades para organização do setor e articulação deficiente entre os agentes da cadeia produtiva.

Existem alguns polos produtivos espalhados pela região e que acabam por reunir a produção dos municípios vizinhos. Nestes locais encontram-se feiras onde são comercializados os animais e consistem na principal fonte de abastecimento dos abatedores formais e informais. Além da produção significativa a região também concentra um importante e tradicional mercado consumidor de carne ovina, fato que constitui oportunidades para empreendimentos de agregação de valor ao produto regional.

A tabela 05 apresenta a evolução do rebanho nos estados da região Sul, onde estão localizados 28,11% do rebanho nacional.

Tabela 05: Rebanhos ovinos por estados brasileiros da região Sul (Mil)

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Participação em 2010
Brasil	15.588	16.019	16.239	16.629	16.812	17.381	
Sul	4.452	4.492	4.603	4.847	4.808	4.887	28,11%



Rio Grande do Sul	3.733	3.764	3.830	4.010	3.946	3.979	81,43%
Paraná	512	517	532	580	600	614	12,56%
Santa Catarina	208	210	241	257	261	293	6,00%

Fonte: IBGE (2012)

Os principais destaques de produção para a região Sul são: a concentração do rebanho no estado do Rio Grande do Sul; a transição da produção de lã para a produção de carne devido às transformações no mercado mundial da lã; e crescimento do rebanho no estado do Paraná, que em 2010 apresentou um rebanho de 614 mil animais.

A tabela 06 apresenta os dados dos estados da região Centro-Oeste, onde o crescimento da atividade merece destaque e atenção por parte das instituições e organizações de apoio ao setor. Os principais destaques para esta região são: crescimento do rebanho em toda a região; o estado do Mato Grosso é onde o rebanho mais cresceu e tornou-se o maior rebanho da região com 549 mil animais; e a instalação da indústria de abate e processamento nos três estados e no Distrito Federal.

Tabela 06: Rebanhos ovinos por estados brasileiros da região Centro-Oeste (Mil)

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Participação em 2010
Brasil	15.588	16.019	16.239	16.629	16.812	17.381	
Centro-Oeste	937	987	1.086	1.111	1.128	1.268	7,30%
Mato Grosso	325	349	429	440	443	549	43,33%
Mato Grosso do Sul	440	456	465	469	478	497	39,20%
Goias	157	162	172	184	186	201	15,86%
Distrito Federal	16	19	20	18	21	20	1,61%

Fonte: IBGE (2012)

A tabela 07 apresenta os dados da região Sudeste, que possui 4,5% do rebanho nacional com 782 mil animais. Nesta região destaca-se que, apesar do pequeno rebanho, a indústria de abate e processamento está “descobrendo” o mercado consumidor e as alternativas lucrativas que a atividade oferece. Iniciativas de implantação de sistemas de produção voltados à fase de terminação também são representativas nesta região.

Tabela 07: Rebanhos ovinos por estados brasileiros da região Sudeste (Mil)

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Participação em 2010
Brasil	15.588	16.019	16.239	16.629	16.812	17.381	
Sudeste	607	664	742	765	762	782	4,50%
São Paulo	345	378	415	453	452	467	59,76%
Minas Gerais	189	209	243	226	223	228	29,20%
Rio de Janeiro	41	45	50	51	50	48	6,20%
Espírito Santo	32	32	34	35	36	38	4,84%

Fonte: IBGE (2012)

A tabela 08 apresenta os dados da região Norte do país, que conta com 3,37% do rebanho nacional, ou seja, 586 mil animais. Nesta região pode-se destacar o crescimento do



rebanho constante desde o ano de 2005 e os principais estados produtores são o Pará, que conta com 203 mil animais, e Rondônia com 135 mil ovinos.

Tabela 08: Rebanhos ovinos por estados brasileiros da região Norte (Mil)

	2005	2006	2007	2008	2009	2010	Participação em 2010
Brasil	15.588	16.019	16.239	16.629	16.812	17.381	
Norte	482	497	522	534	548	586	3,37%
Pará	203	202	214	202	198	203	34,69%
Rondônia	99	105	125	125	128	135	23,05%
Tocantins	65	66	75	86	89	108	18,43%
Acre	46	54	52	78	87	81	13,83%
Amazonas	67	69	55	42	44	56	9,60%
Amapá	1	2	2	2	2	2	0,40%
Roraima	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE (2012)

2.2 PRODUTOS DA OVINOCULTURA: CARNE, LÃ, PELE E LEITE

Os principais produtos da ovinocultura são a carne e a lã. A produção de lã, como citada anteriormente, sofreu forte impacto negativo durante a década de 1990 com o surgimento dos materiais sintéticos que passaram a substituí-la. Historicamente a produção de lã no Brasil esteve concentrada na região Sul do país, por suas características climáticas e culturais mais propícias a tal finalidade. A tabela 09 apresenta os dados da produção brasileira de lã por região entre os anos de 2004 e 2009.

Tabela 09: Produção de Lã no Brasil (Toneladas)

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Brasil	11.172	10.778	10.876	11.160	11.642	11.395	11.646
Sul	10.988	10.593	10.702	10.941	11.449	11.223	11.468
Centro-Oeste	100	104	106	108	105	103	105
Sudeste	84	80	69	112	89	69	74
Norte	-	-	-	-	-	-	-
Nordeste	-	-	-	-	-	-	-

Fonte: IBGE (2012)

Note-se que não há produção de lã nas regiões norte e nordeste. A produção está concentrada no Estado do Rio Grande do Sul, que produz 91,7% da lã nacional. Apenas 1,5% da produção de lã no Brasil ocorrem fora da região sul do país, mais especificamente nas regiões Centro-Oeste e Sudeste. Apesar da drástica redução da produção ocorrida na década de 1990, a produção se mantém estável nos últimos anos.

De acordo com os dados da FAO no ano de 2008 a produção mundial de peles de ovinos foi de 1,9 milhões de toneladas. Os principais países produtores foram a China (19%), a Jordânia (13,6%), a Austrália (7,7%) e a Nova Zelândia (7,4%). No Brasil a produção de pele ovina foi de 19,3 mil toneladas no ano de 2010, com um rendimento médio de 3,86 kg por animal (tabela 10).



Tabela 10: Produção de Carne e Peles de Ovinos no Brasil

	2004	2005	2006	2007	2008	2009	2010
Animais abatidos (Cabeças)	4.750.000	4.750.000	4.812.500	4.878.600	4.950.000	5.000.000	5.000.000
Carne de Ovino (Toneladas)	76.000	76.000	77.000	78.000	79.300	80.000	80.000
Rendimento (Kg/An)	16	16	16	16	16	16	16
Pele de Carneiro (Toneladas)	18.500	18.500	18.500	19.000	19.300	19.300	19.300
Rendimento (Kg/An)	4	4	4	4	4	3,86	3,86

Fonte: FAO (2012).

Já produção de leite de ovelhas no Brasil ainda é incipiente. Existem relatos de produtores rurais dispostos a investir na atividade, porém ainda não existem dados oficiais que quantifiquem produção deste produto no país. No ano de 2008 a produção mundial de leite de ovinos foi de 9 milhões de toneladas. Os principais países produtores de leite de ovelhas foram a China (12,1%), a Grécia (8,7%), a Turquia (8,2%), a Síria (7,9%) e a Romênia (7,2%), também não indicando registros de produção no Brasil.

A produção de carne de ovinos apresenta ligeiro crescimento entre os anos 2004 e 2010, como apresentado na tabela 10. Dados da FAO (2012) indicam que no ano de 2010 foram abatidos 5 milhões de ovinos com um rendimento de mais de 80 mil toneladas de carne e 19,3 mil toneladas de pele.

Sorio (2009) relata alguns estudos que apontam o consumo per capita anual de 0,59 kg em Fortaleza (CE), 0,43 kg em Natal (RN), 0,46 kg no Distrito Federal e um consumo que varia entre 311 e 427 gramas de carne ovina em Campo Grande (MS). Trata-se de níveis baixos de consumo de carne ovina em virtude de todo o potencial de crescimento do mercado e, principalmente, pela constatação de que carne ovina tem sido importada do Uruguai para abastecer a parte do mercado brasileiro.

2.3 IMPORTAÇÕES DE CARNE OVINA

A tabela 11 apresenta a quantidade de carne ovina importada do Uruguai entre os anos de 2007 e 2011. O volume importado é decrescente desde 2009, quando houve uma redução de 12,66% na importação deste produto. Os meses em que ocorrem os maiores picos de importação são novembro, dezembro e janeiro, quando a demanda pelo produto é maior em função das festas de final de ano e a produção nacional não consegue atender.

No mês de dezembro de 2011, o Brasil importou 40,2% a menos de carne ovina uruguaia comparado a novembro do mesmo ano, totalizando 695 toneladas e queda de 60,4% quando comparado ao mesmo mês do ano anterior. De acordo com Rodrigues (2012), no mês de dezembro o Brasil continuou importando cortes ovinos não habituais como peças não desossadas de ovinos frescas ou refrigeradas. Normalmente o país importa peças não desossadas de ovinos congeladas e carnes desossadas de ovinos congeladas.

Tabela 11: Carne ovina importada do Uruguai (Toneladas)

	Jan	Fev	Mar	Abr	Mai	Jun	Jul	Ago	Set	Out	Nov	Dez	Total	Varição (%)
2007	534	242	557	679	535	329	493	535	494	557	1086	1024	7065	-
2008	563	556	538	535	768	582	388	455	610	1046	1184	459	7684	8,76%
2009	1043	463	404	338	414	313	568	358	552	707	824	727	6711	-12,66%



2010	368	167	417	365	198	252	307	474	736	665	875	1115	5939	-11,50%
2011	580	294	158	143	236	226	232	352	326	367	1162	695	4771	-19,67%

Fonte: Adaptado de Rodrigues (2012) a partir de dados do MDIC.

Uma análise dos preços praticados mostra que no mês de dezembro de 2011 o preço do quilo de carne desossada de ovino congelada importada diminuiu 7,24%. Em novembro o quilo da carne custou US\$ 9,31 e em dezembro US\$ 8,64. O preço do quilo das peças não desossadas de ovinos congeladas diminuiu 7,17%, passando de US\$ 6,8 para US\$ 6,31.

Há uma grande preocupação dos agentes produtivos da ovinocultura de corte quanto à quantidade de carne ovina importada do Uruguai. O Uruguai é praticamente o único fornecedor de carne ovina para o Brasil, visto que no ano de 2009 o país importou 7 mil toneladas de carne ovina, das quais 6,7 mil toneladas vieram do Uruguai. Sorio, Carfantan e Marques (2010) consideram que o Brasil vem se tornando um relevante importador de carne ovina, apesar de os volumes ainda serem pequenos em relação aos principais participantes do mercado internacional.

Para uma análise da representatividade do volume de carne ovina importado do Uruguai pelo Brasil, propomos o seguinte cálculo: supondo que o consumo per capita de carne ovina no Brasil seja de 400 gramas, seria necessária uma produção de 76 mil toneladas – próximo ao nível de 80 mil toneladas de produção de carne ovina no Brasil de acordo com a FAO (2012) – de carne para atender aos mais de 190 milhões de habitantes. Assim, a importação de 4,7 mil toneladas de carne ovina no ano de 2011 representaria cerca de 6,2% do mercado nacional.

O nível de importação de carne ovina proveniente do Uruguai deve ser constantemente analisado, pois o destino mais frequente deste produto são os grandes centros consumidores das capitais brasileiras. Contudo, os dados revelam as oportunidades que a cadeia produtiva nacional encontra para o seu desenvolvimento e para o desenvolvimento deste mercado.

2.4 PREÇOS DA CARNE OVINA

O preço da carne ovina pago ao produtor rural no Brasil consiste em um problema constantemente relatado pelos agentes da cadeia produtiva e pelas organizações de apoio ao setor, no entanto, são raras as iniciativas de levantamento de preço que possuam consistência metodológica e periodicidade no país. Desde janeiro de 2011 o FarmPoint, que é um portal de notícias especializado em ovinocultura e caprinocultura da empresa de consultoria Agripoint, tem realizado a cotação mensal do preço do cordeiro. Os dados são obtidos por meio de contato com os agentes de mercado, tais como frigoríficos, produtores rurais, associações e cooperativas e órgãos estaduais que realizam as cotações regionais de carne de cordeiro.

A tabela 12 ilustra a evolução dos preços do cordeiro para alguns Estados selecionados que representam as principais regiões produtoras e consumidoras do produto. Os analistas e empresários consultados a cada cotação destacam que os preços do cordeiro sofrem influência de diversos fatores. Em mercados em que há maior facilidade de acesso ao produto importado do Uruguai há uma maior influência dos preços deste país na cotação brasileira. O início do ano de 2011 foi marcado por preços baixos no Brasil em função do pico de produção de carne no Uruguai. A partir de abril daquele ano os preços retomaram a trajetória de crescimento.



Muitos analistas e empresários do setor mantêm expectativas positivas em relação aos preços da carne ovina para o Brasil. Esta perspectiva é motivada pela atual expansão do mercado consumidor brasileiro, que tem consumido mais carne ovina, e em função da escassez de oferta de animais para abate. Apesar dos preços atrativos pagos aos produtores rurais em algumas regiões, o aumento da oferta de animais não acontece com a mesma velocidade que o aumento da demanda, o que gera pressão sobre os preços.

Tabela 12: Preços da Carne Ovina

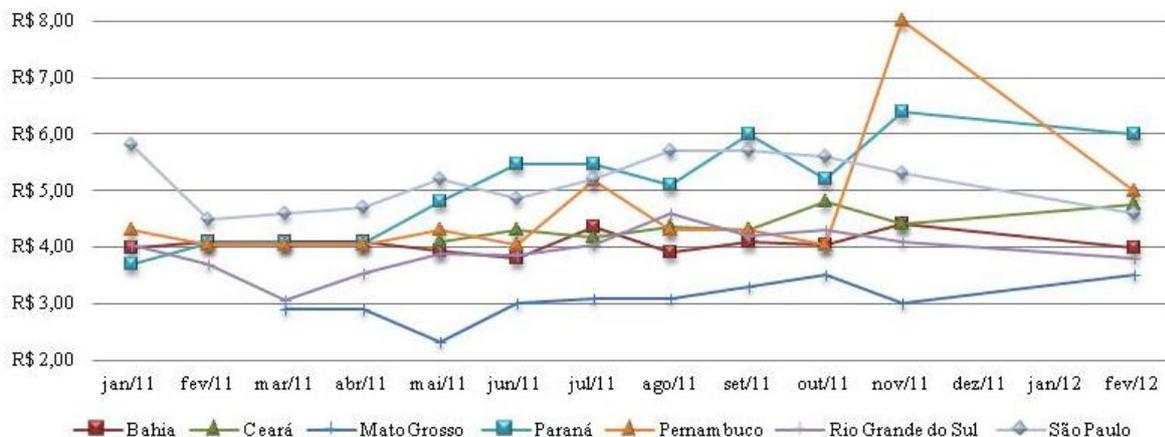
	R\$/Kg/Vivo											
	jan/11	fev/11	mar/11	abr/11	mai/11	jun/11	jul/11	ago/11	set/11	out/11	nov/11	fev/12
Bahia	4,00	4,10	4,10	4,08	3,94	3,81	4,35	3,90	4,10	4,05	4,40	4,00
Ceará					4,10	4,30	4,18	4,35	4,30	4,80	4,40	4,75
Mato Grosso			2,90	2,90	2,33	3,00	3,10	3,10	3,30	3,50	3,00	3,50
Paraná	3,70	4,07	4,07	4,07	4,80	5,48	5,46	5,10	6,00	5,20	6,40	6,00
Pernambuco	4,30	4,05	4,05	4,05	4,30	4,05	5,18	4,30	4,30	4,05	8,00	5,00
Rio Grande do Sul	4,05	3,70	3,07	3,53	3,87	3,86	4,05	4,60	4,20	4,30	4,10	3,80
São Paulo	5,82	4,50	4,60	4,70	5,20	4,86	5,21	5,70	5,70	5,60	5,30	4,60

Fonte: Adaptado de FarmPoint (2012).

Os dados indicam que os preços pagos aos produtores rurais nos maiores centros produtores de carne ovina no país, estados da região Nordeste e Rio Grande do Sul, situam-se pouco acima de R\$ 4,00, com pequena variação ao longo do ano. Já em estados como São Paulo e Paraná, onde o consumo do produto é crescente e a oferta de animais para o abate é pequena, os preços pagos aos produtores são maiores. A tabela 12 apresenta os preços obtidos nas 12 cotações realizadas pela FarmPoint para os estados selecionados.

A sustentabilidade econômica da cadeia produtiva da carne ovina depende do equilíbrio dos preços pagos e recebidos ao longo de toda cadeia produtiva. Muitos agentes da cadeia produtiva, especialmente os produtores rurais e as instituições que os representam, consideram baixos os preços pagos aos produtores rurais em comparação ao preço pago pelos consumidores finais. Visto que os preços aos consumidores finais podem chegar a R\$ 40,00 por quilo em algumas situações, os produtores rurais sentem-se mal remunerados pelos agentes de abate e processamento. A figura 03 apresenta o gráfico com a evolução dos preços para os principais estados produtores.

Figura 03: Preços da Carne Ovina



Fonte: Adaptado de FarmPoint (2012).

No entanto, devem ser analisados os custos de operação ao longo da cadeia produtiva, considerando os aspectos logísticos, a tecnologia de produção dentro e fora da porteira e, conseqüentemente, a eficiência obtida em cada estágio produtivo. No estágio da produção rural há a predominância de sistemas de produção intensivos em mão de obra e com baixa adoção de tecnologias; no estágio de abate e processamento destacam-se tecnologias de processamento defasadas, estratégias de governança dos fornecedores equivocadas e que contribuem para a predominância da informalidade no setor; e no estágio da comercialização, constata-se pouco investimento em campanhas para difundir o consumo da carne ovina e preços elevados ao consumidor final.

2.5 A QUESTÃO AGRÁRIA E A OVINOCULTURA

A questão agrária no Brasil ainda constitui-se como um problema social com condições de influenciar os modos de estruturação e governança das diversas cadeias produtivas ligadas à produção de alimentos, fibra e energia. A estrutura agrária brasileira pode ser caracterizada a partir do destaque de duas situações extremas. A primeira diz respeito à fragmentação das propriedades rurais na região Nordeste e a segunda é a existência de um número reduzido de propriedades rurais com extensões de terra muito grandes nas diversas regiões, dentre as quais se destaca o Centro-Oeste.

A tabela 13 caracteriza, por região brasileira, o percentual de propriedades rurais que possuem criação de ovinos. Esta caracterização é feita por tamanho da propriedade em hectares.

Do total de 438 mil estabelecimentos agropecuários que possuem criação de ovinos 41,3% têm entre 1 e 20 hectares de área. Esta constatação não permite afirmar que a produção de ovinos se concentre em pequenas propriedades, pois seriam necessários dados mais precisos para tal análise, contudo, indica que a pequena propriedade é importante para a cadeia produtiva, especialmente pela quantidade de famílias que já possuem algum contato com a atividade.

Ao analisar a quantidade de estabelecimentos rurais por região brasileira é possível notar que na região Sul 48,6% dos estabelecimentos rurais em que há criação de ovinos possuem área entre 5 e 50 ha. Na região Sudeste situação é semelhante e 41,7% dos estabelecimentos possuem entre 5 e 50 ha. Na região norte é a predominância de estabelecimentos com área entre 50 e 500 ha que se destaca (53,4%) e na região Centro-



Oeste a maior parte das propriedades com rebanho ovino (63,5%) possuem área superior a 100 ha.

Tabela 13: Número de estabelecimentos agropecuários com ovinos

Total de Estabelecimentos \ Tamanho da Área	Brasil	Norte	Nordeste	Sudeste	Sul	Centro-Oeste
	438.623	16.983	311.125	21.329	68.358	20.828
Mais de 0 a menos de 1 ha	4,06%	1,45%	2,24%	0,54%	0,45%	0,10%
De 1 a menos de 5 ha	17,17%	2,79%	21,64%	7,91%	7,82%	2,37%
De 5 a menos de 20 ha	24,12%	8,33%	26,14%	21,63%	24,49%	8,13%
De 20 a menos de 50 ha	19,89%	16,15%	19,54%	20,10%	24,12%	14,18%
De 50 a menos de 100 ha	11,52%	20,19%	10,40%	14,20%	13,63%	11,41%
De 100 a menos de 500 ha	14,19%	33,34%	10,10%	25,94%	20,14%	28,12%
Acima de 500 ha	5,55%	15,52%	2,24%	8,72%	8,05%	35,36%

Fonte: IBGE (2006).

Com exceção da região Nordeste, a presença de propriedades com área entre 100 e 500 ha é representativa. A presença desta característica, na região Norte (33,3%), na região Centro-Oeste (28,1%), na região Sudeste (25,9%) e mesmo na região Sul (20,1%), indica que a ovinocultura tem ganhado força entre produtores rurais com maior estrutura produtiva e com tendência a acesso aos mercados mais competitivos.

Tangenciando os problemas relativos à distribuição de terras no Brasil, a análise de organizações de pesquisa e desenvolvimento interessadas em propor alternativas para a estruturação e crescimento da cadeia agroalimentar deve levar em consideração os objetivos econômicos e sociais para cada região em que se pretende desenvolver a atividade.

A atividade em pequena escala, frequentemente atribuída à agricultura familiar, não deve ser entendida como um impedimento à efetiva participação destes produtores rurais nos sistemas de produção. Torna-se necessária a identificação das formas mais eficientes de organização do setor e a proposição de políticas públicas e privadas que estimulem a produção e a geração de riqueza para a região em que os produtores estão localizados.

Mesmo em regiões caracterizadas pela presença das pequenas propriedades rurais é possível encontrar iniciativas de sucesso de organização da cadeia produtiva e produção competitiva. A Embrapa Caprinos e Ovinos, localizada em Sobral (CE), é exemplo de organização que contribui para o desenvolvimento desta atividade produtiva por meio de projetos que transferem tecnologias desenvolvidas aos produtores rurais, tais como o projeto “Cordeiro do Cariri Cearense”. Este projeto tem como objetivo o desenvolvimento de inovações organizacionais e tecnológicas para a promoção da ovinocultura da região do Cariri que passa, inclusive, pela criação da marca “Cordeiro do Cariri Cearense” para agregar valor ao produto.

3. CONSIDERAÇÕES FINAIS



A produção de alimento aliada à geração de renda e promoção do desenvolvimento no meio rural são atividades de grande importância para o Brasil. Trata-se de um contexto de sustentabilidade e de desenvolvimento social onde a ovinocultura de corte está inserida e apresenta potencial para seu desenvolvimento. Os dados apresentados neste artigo indicam que a ovinocultura de corte tem muito espaço para crescimento dentro das cinco regiões brasileiras. No contexto internacional, o Brasil ainda está muito distante dos principais países em termos da quantidade de rebanho e do volume de carne ovina produzido.

O rebanho ovino no Brasil está concentrado nos estados da região Nordeste e no estado do Rio Grande do Sul. No entanto outros estados apresentam um crescimento em seus rebanhos, como é o caso do Mato Grosso, do Mato Grosso do Sul, do Paraná e do estado de São Paulo. Nos estados da região Centro-Oeste e da região Sudeste o crescimento dos rebanhos está diretamente ligado à instalação de indústrias de abate e processamento de ovinos. Este fato demonstra que o mercado consumidor de carne ovina está em expansão nos grandes centros urbanos, além das já tradicionais regiões consumidoras.

Contudo, o desenvolvimento do mercado consumidor ainda contrasta como as dificuldades de relacionamento dos agentes da cadeia produtiva da ovinocultura de corte, o que implica em desorganização do setor e comportamentos oportunistas e pouco colaborativos entre os agentes produtivos. As instituições formais que deveriam reger o setor são inadequadas, pois, em muitos casos, implicam em elevados custos para seu cumprimento, sendo suprimidas pelas instituições informais predominantes em cada região. Este fato é considerado um dos fatores determinantes da predominância da informalidade nesta cadeia produtiva em todo o país e deve ser foco de atenção dos tomadores de decisões.

As organizações de apoio ao setor, apesar de todo seu esforço, ainda carecem de integração em suas atividades. Não há uma agenda comum voltada para o desenvolvimento da atividade e a consequência disto é a baixa eficiência no apoio aos produtores rurais. Dentre estas organizações estão as agências de fomento, as empresas de pesquisa, empresas de assistência técnica e empresas de apoio ao empreendedorismo, fundamentais ao processo de melhoria dos sistemas produtivos dentro e fora da porteira para a ovinocultura de corte no Brasil.

Conclui-se, portanto, que há potencial para o desenvolvimento da ovinocultura de corte no país, mas que, no entanto, existem entraves importantes em termos organizacionais que precisam ser superados com urgência para consolidar esta atividade produtiva nas cinco regiões brasileiras.

Referências

CARVALHO, D. M.; SOUZA, J. P. Análise da cadeia produtiva de caprino-ovino em Garanhuns. XLVI CONGRESSO BRASILEIRO DE ECONOMIA E SOCIOLOGIA RURAL. *Anais...*, 2008. Rio Branco. Disponível em: <<http://www.sober.org.br/palestra/9/673.pdf>>. Acesso em: 21/12/2010.



COSTA, N. G. **A cadeia produtiva de carne ovina no Brasil rumo às novas formas de organização da produção**, 2007. Disponível em:

<http://propaga.unb.br/new/images/multiinstitucional/nivia_guimaraes_da_costa.pdf>.

Acesso em: 21/12/2010.

FAO. Food and agriculture organization of the United States. **FAOSTAT**, disponível em:

<<http://faostat.fao.org/site/569/DesktopDefault.aspx?PageID=569#ancor>>, acesso em:

30/01/2012 às 14:50.

FARMPPOINT. Disponível em: <<http://www.farmpoint.com.br>>, acessado em: 10/02/2012.

IBGE. Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística. 2012. Disponível em:

<<http://www.sidra.ibge.gov.br>>, acessado em: 10/02/2012.

MARTINS, E. C.; CUENCA, M. A. G.; SANTOS, A. S.; et al. **Caracterização do**

Consumo das Carnes Caprina e Ovina em Alagoas. 2008. Sobral. Disponível em:

<<http://www.infoteca.cnptia.embrapa.br/bitstream/CPATC-2010/20744/1/doc82.pdf>>.

Acesso em: 21/12/2010.

RODRIGUES, R. M. C. Brasil importou 695 toneladas de carne ovina uruguaia em

dezembro, queda de 40,2% comparado a novembro. **FarmPoint**, 2012. Disponível em:

<<http://www.farmpoint.com.br/cadeia-produtiva/especiais/brasil-importou-695-toneladas-de-carne-ovina-uruguaia-em-dezembro-queda-de-402-comparado-a-novembro-77568n.aspx>> Acessado em: 15 de fevereiro de 2012, às 13:30 horas.

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas. Setor de

Ovinocaprinocultura. Disponível em: <<http://www.sebrae.com.br/setor/ovino-e-caprino>>,

acesso em: 15 de janeiro de 2011.

SORIO, A. M. **Sistema agroindustrial da carne ovina: o exemplo de mato grosso do sul**.

Passo Fundo: Méritos, 2009. 110 p.

SORIO, A.; CARFANTAN, J.; MARQUES, W. A. **Carne ovina: sistema internacional de**

comercialização. Passo Fundo: Méritos, 2010. 144 p.

SORIO, A.; FAGUNDES, M. B. B.; RASI, L. Oferta de carne ovina no varejo de Campo

Grande (MS): uma abordagem de marketing. **Revista Agrarian, Dourados**, v. 1, n. 1, p.

145–456, 2008. Disponível em:

<<http://www.periodicos.ufgd.edu.br/index.php/agrarian/article/download/34/17>>. Acesso em: 21/12/2010.

SOUZA, E. Q. **Análise e segmentação de mercado na ovinocultura do Distrito Federal**.

Dissertação de Mestrado. Brasília: Faculdade de Agronomia e Medicina Veterinária,

Universidade de Brasília, 2006, 103 p.